

GARCEZ, Lucília H. do Carmo. Os mitos que cercam o ato de escrever. In: _____. **Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 1-12. (Ferramentas).

Capítulo 1

Os mitos que cercam o ato de escrever

1. Verdades e mentiras

Durante sua vida escolar, você deve ter cristalizado alguns mitos a respeito da produção de textos. As atividades escolares e os livros didáticos, pais, colegas, bem como alguns professores, contribuíram para que crenças, nem sempre as mais adequadas, fossem se configurando e se enraizassem. Poucas pessoas conseguem escapar de um conjunto equivocado de influências e construir uma relação realmente saudável com o ato de escrever. Dessa forma, muitos jovens crescem pensando que nunca serão bons redatores, que têm texto péssimo e que não há formas de melhorar o desempenho na produção de textos. É o seu caso? Se não for, você é uma exceção, pois até mesmo profissionais maduros demonstram insegurança em relação à própria expressão escrita. Embora seja uma das tarefas mais complexas que as pessoas chegam a executar na vida, principalmente porque exige envolvimento pessoal e revelação de características do sujeito, todos podem escrever bem.

Quais são as falsas crenças, os mitos mais frequentes em relação à escrita? Há muitos, mas aqui vamos refletir acerca dos mais devastadores, que são os que levam alguém a acreditar que escrever seria um dom que *poucas* pessoas têm; um ato espontâneo que não exige empenho; uma questão que se resolve com algumas “*dicas*”; um ato isolado, desligado da *leitura*; algo *desnecessário* no mundo moderno; um ato autônomo, desvinculado das *práticas sociais*.

a) Escrever é uma habilidade que pode ser desenvolvida e não um dom que poucas pessoas têm

“Eu não tenho o dom da escrita.” “Não fui escolhido.” “Não recebi esse talento quando nasci.” Essas são algumas das afirmações mais freqüentes entre alunos de cursos de produção de textos, bloqueados diante da página em branco. É claro que não estamos tratando, aqui, da escrita literária.

A escrita é uma construção social, coletiva, tanto na história humana como na história de cada indivíduo. O aprendiz precisa das outras pessoas para começar e para continuar escrevendo.

O que vai determinar o nosso grau de familiaridade com a escrita é o modo como aprendemos a escrever, a importância que o texto escrito tem para nós e para nosso grupo social, a intensidade do convívio estabelecido com o texto escrito e a freqüência com que escrevemos. Conseqüentemente, são esses fatores que vão definir também nossa maturidade e nosso desempenho na produção de textos.

A noção de dom, embora polêmica e questionável, poderia ser aplicada a alguns poucos gênios da literatura. Mesmo assim, a revelação desses gênios só acontece depois do processo de aprendizagem e do convívio intenso com a língua escrita. Ninguém nasce escritor e o processo que transforma alguém em um artista da palavra é ainda um enigma. Entretanto, vamos usar alguns depoimentos e exemplos de escritores porque neles a luta com as palavras é muito evidente, e muitos passam por etapas semelhantes aos redatores leigos. Caso a escrita fosse um dom inato, qual seria o papel da escola? E o que aconteceria com aqueles que, tendo recebido o dom, nunca foram alfabetizados?

José J. Veiga, renomado autor brasileiro, admitiu que até mesmo o talento, a vocação ou o dom dependem de muita persistência:

– Como começou a escrever?
– Foi um processo demorado, que amadureceu devagar.
Quando resolvi experimentar escrever, não consegui da primeira

vez. Escrevi uma história, não gostei, e desanimei. Eu estava descobrindo que ler é muito mais fácil do que escrever. Mas quando a gente joga a toalha, entrega os pontos num assunto que sente que é capaz de fazer, fica infeliz, e acaba voltando à luta. Voltei a tentar, apanhei, caí, levantei – até que um dia escrevi uma história que quando li de cabeça fria, achei que não estava ruim; com uns consertos aqui e ali, ela ficaria apresentável. Consertei, e gostei do resultado. Animado, escrevi outras e outras histórias, nessa batalha permanente. Mas é uma batalha curiosa: as derrotas que a gente sofre nela não são derrotas, são lições para o futuro.

Para gostar de ler. Vol. 8. São Paulo:
Editora Ática, 4ª ed., 1988, p. 7.

É preciso, antes de tudo, compreender que todas as pessoas podem chegar a produzir bons textos, e que isso não é uma questão de ser “ungido” pelos deuses que escolhem os mais talentosos. É necessário também identificar bloqueios porventura construídos ao longo da vida escolar e tentar eliminá-los.

b) Escrever é um ato que exige empenho e trabalho e não um fenômeno espontâneo

Muitas pessoas acreditam que aqueles que redigem com desenvoltura executam essa tarefa como quem respira, sem a menor dificuldade, sem o menor esforço. Não é assim. Escrever é uma das atividades mais complexas que o ser humano pode realizar. Faz rigorosas exigências à memória e ao raciocínio. A agilidade mental é imprescindível para que todos os aspectos envolvidos na escrita sejam articulados, coordenados, harmonizados de forma que o texto seja bem sucedido.

Conhecimentos de natureza diversa são acessados para que o texto tome forma. É necessário que o redator utilize simultaneamente seus conhecimentos relativos ao assunto que quer tratar, ao gênero adequado, à situação em que o texto é produzido, aos possíveis leitores, à língua e suas possibilida-

des estilísticas. Portanto, escrever não é fácil e, principalmente, escrever é incompatível com a preguiça.

A tarefa pode ir ficando paulatinamente mais fácil para profissionais que escrevem muito, todos os dias, mas mesmo esses testemunham que é um trabalho exigente, cansativo, e que é, muitas vezes, insatisfatório, frustrante. Sempre queremos um texto ainda melhor do que o que chegamos a produzir e poucas vezes conseguimos manter na linguagem escrita todas as sutilezas da percepção original acerca de um fato ou um pensamento. O que admiramos na literatura é justamente essa especificidade, essa possibilidade de expandir pela palavra escrita emoções, pensamentos, sensações, significados, que nós, leigos, não conseguimos traduzir com propriedade.

Continuemos com o depoimento de José J. Veiga, agora em uma outra entrevista:

– O senhor é muito conhecido por reescrever incessantemente seus textos. Por que o senhor reescreve?

– É por conta de uma grande insatisfação. Você imagina as coisas, até visualiza, mas, quando quer pôr aquilo no papel, tem que usar a linguagem. Aí você descobre que a linguagem é tosca. Não acompanha o que você quer fazer. Então você fica trabalhando, trabalhando, para chegar o mais próximo possível.

– Por isso a linguagem do senhor é tão seca, tão substantiva?

– É. Eu me vigio muito para não fazer aquilo que em linguagem popular se diz “encher lingüiça”. Eu desbasto o texto. Tiro o bagaço para deixar apenas o que tem peso, a essência.

Folha de S. Paulo. São Paulo, 17 jun. 1999.
Folha Ilustrada, p. 8.

Para refletir sobre estas questões, considere o poema, já clássico, de Carlos Drummond de Andrade, em que essa relação de necessidade, amor e conflito em relação às palavras é apresentada de maneira extraordinária:

O LUTADOR

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevilícia
que as traga de novo
ao centro da praça.

Insisto, solerte.
Busco persuadi-las.
Ser-lhes-ei escravo
de rara humildade.
Guardarei sigilo
de nosso comércio.
Na voz, nenhum travo
de zanga ou desgosto.
Sem me ouvir deslizam,
perpassam levíssimas
e viram-me o rosto.

Lutar com palavras
Parece sem fruto.
Não têm carne e sangue...
Entretanto, luto.

Palavra, palavra
(digo exasperado),
se me desafia,
aceito o combate.
Quisera possuir-te
neste descampado,
sem roteiro de unha
ou marca de dente
nessa pele clara.
Preferes o amor
de uma posse impura
e que venha o gozo
da maior tontura.

Luto corpo a corpo,
luto todo o tempo,
sem maior proveito
que o da caça ao vento.
Não encontro vestes,
não seguro formas,
é fluido inimigo
que me dobra os músculos
e ri-se das normas
da boa peleja.

Iludo-me às vezes,
pressinto que a entrega
se consumará.

Já vejo palavras
em coro submisso,
esta me ofertando
seu velho calor,
outra sua glória
feita de mistério,
outra seu desdém,
outra seu ciúme,
e um sapiente amor
me ensina a fruir
de cada palavra
a essência captada,
o sutil queixume.
Mas ai! é o instante
de entreabrir os olhos:
entre beijo e boca,
tudo se evapora.

O ciclo do dia
ora se consuma
e o inútil duelo
jamaiz se resolve.
O teu rosto belo,
ó palavra, esplende
na curva da noite
que toda me envolve.
Tamanha paixão
e nenhum pecúlio.
Cerradas as portas,
a luta prossegue
nas ruas do sono.

Carlos Drummond
de Andrade

c) Escrever exige estudo sério e não é uma competência que se forma com algumas “dicas”

A idéia de que algumas indicações e truques rápidos de última hora podem solucionar problemas de produção de textos, tanto para candidatos a concursos como para profissionais

que precisam mostrar competência escrita em curtíssimo prazo, tem enganado os apressados e enriquecido muitos donos de escola e de cursinhos.

Muitos professores oferecem uma espécie de formulário mental do que seria um bom texto para que o estudante preencha as lacunas, acreditando que prescrever esse procedimento, muitas vezes suficiente para conseguir desempenho mínimo num concurso, é o objetivo da escola.

Fórmulas pré-fabricadas de textos e “dicas” isoladas apenas contribuem para a montagem de um texto defeituoso, truncado, artificial, em que a voz do autor se anula para dar lugar a clichês, chavões, frases feitas e pensamentos alheios.

A autoria vem das escolhas pessoais dentro das possibilidades da língua e do gênero. Escrever bem é o resultado de um percurso constituído de muita prática, muita reflexão e muita leitura. É uma ação em que o sujeito se envolve de forma total, com sua bagagem de conhecimentos e experiências sobre o mundo e sobre a linguagem. Não existem esquemas prévios ou roteiros infalíveis que possam substituir tal envolvimento. É a voz do indivíduo que orienta o texto, portanto este é imprevisível.

Uma redação por mês, alguns exercícios esporádicos de produção de pequenos trechos não formam um bom redator. É necessário escrever sempre, escrever todos os dias, escrever sobre assuntos diversos, escrever com diversos objetivos, escrever em diversas situações.

Associadas a muita prática, as “dicas” fornecidas a partir de dificuldades reais vivenciadas na produção de textos podem ser úteis, esclarecedoras, iluminadoras. Quando estão isoladas de uma prática intensa, não ajudam em nada.

d) Escrever é uma prática que se articula com a prática da leitura

É improvável que um mau leitor chegue a escrever com desenvoltura. É pela leitura que assimilamos as estruturas próprias da língua escrita. Para nos comunicarmos oralmente apoiamo-nos no contexto, temos a colaboração do ouvinte. Já

a comunicação escrita tem suas especificidades, suas exigências. Essas exigências advêm do fato de estarmos nos comunicando a distância, sem apoio do contexto ou da expressão facial. Tratamos de forma diferente a sintaxe, o vocabulário e a própria organização do discurso. É pela convivência com textos escritos de diversos gêneros que vamos incorporando às nossas habilidades um efetivo conhecimento da escrita.

Além de ser imprescindível como instrumento de consolidação dos conhecimentos a respeito da língua e dos tipos de texto, a leitura é um propulsor do desenvolvimento das habilidades cognitivas. Envolve tantos procedimentos intelectuais e exige tantas operações mentais que o bom leitor adquire maior agilidade de raciocínio.

Há ainda que se considerar que a leitura é uma das formas mais eficientes de acesso à informação. Seu exercício intenso e constante promove a análise e a reflexão sobre os fenômenos e acontecimentos, tornando a pessoa mais crítica e mais resistente à dominação ideológica. O que é a leitura é o nosso assunto do capítulo 3.

e) Escrever é necessário no mundo moderno

Observa-se que o cidadão comum, dependendo do mundo profissional a que pertence, escreve muito pouco. Hoje, tudo está muito automatizado e as relações humanas por intermédio da escrita podem ser reduzidas ao mínimo: o telefone resolve a maior parte dos problemas do cotidiano. Alguns conseguem mesmo reduzir sua atividade escrita à assinatura de cheques e documentos.

Por outro lado, paradoxalmente, o complexo mundo contemporâneo está cada vez mais exigente em relação à escrita. Precisamos de documentos escritos para existir, ser, atuar e possuir: certidões, certificados, diplomas, atestados, declarações, contratos, escrituras, cédulas, comprovantes, registros, recibos, relatórios, projetos, propostas, comunicados inundam a nossa vida cotidiana. Tudo o que somos, temos, realizamos ou dese-

jamos realizar deve estar legitimado pela palavra escrita. Vale o escrito. E nossa habilidade de escrever é exigida, investigada, medida, avaliada, sempre que nos submetemos a qualquer processo seletivo, sempre que nos propomos a integrar os órgãos que conformam o sistema da cidadania urbana.

Mesmo na informática, tudo é mediado pela escrita. Navegar ou conversar na Internet exige um convívio especial com a escrita. O que antes se resolvia simplesmente com uma ligação telefônica passou a ser substituído por um texto escrito transmitido via fax ou e-mail.

Além disso, enquanto o trabalho primário vai sendo atribuído às máquinas, exigem-se dos homens as habilidades que lhes são exclusivas, como a produção de textos. Os profissionais que dominam essas habilidades mais complexas e sofisticadas têm mais chances no mercado de trabalho, a cada dia mais seletivo.

f) Escrever é um ato vinculado a práticas sociais

Todo ato de escrita pertence a uma prática social. Não se escreve por escrever. A escrita tem um sentido e uma função. Como vimos no item anterior, toda a nossa civilização ocidental é regulada pela escrita. Para nós, vale o escrito. Pela escrita estamos atuando no mundo, estamos nos relacionando com os outros e nos constituindo como autores, como sujeitos de uma voz. Veja o exemplo desta carta enviada ao jornal *Correio Brasileiro* por uma leitora:

Primeiro de tudo, gostaria de parabenizar o Jornal que é muito bom. Parabéns! Segundo, gostaria de expor a minha opinião sobre um fator que está acabando com o Brasil nestes últimos anos: a fome. Estava no meu curso de inglês, na quinta-feira (dia 5), quando começamos a debater a pobreza e a fome nos países, incluindo o Brasil. O professor citou que sua namorada trabalha nas Nações Unidas, aqui em Brasília, e não pôde deixar de nos

informar sobre a população que está morrendo de fome no Brasil. Então veio a "bomba" sobre nós: 28 milhões de pessoas morrem de fome neste exato momento no Brasil, mais do que a população da Argentina. Isso me deixou muito irritada, razão por que faço um apelo: por favor, vamos tomar uma providência séria, Brasil! O governo não é o único culpado. A sociedade também é. E, se somos culpados, podemos agir, para, pelo menos, tentar controlar e acabar com essa catástrofe!

M. L. D.

Correio Brasileiro, Brasília, 10 ago. 1999.

Seção Cartas dos Leitores, p. 16.

Essa carta é um exemplo de como a participação pela escrita confere ao indivíduo um novo canal de relacionamento com o mundo. Pelo texto escrito modificamos o nosso contexto e nos modificamos simultaneamente.

Assim, a redação escolar, isolada, desvinculada do que o indivíduo realmente pensa, acredita, defende e quer compartilhar ou expor ao outro como forma de interação, não pode ser considerada escrita, mas apenas uma forma de demonstração de habilidades gramaticais.

A produção de textos é uma forma de reorganização do pensamento e do universo interior da pessoa. A escrita não é apenas uma oportunidade para que a pessoa mostre, comunique o que sabe, mas também para que descubra o que é, o que pensa, o que quer, em que acredita.

Saber escrever é também compartilhar práticas sociais de diversas naturezas que a sociedade vem construindo ao longo de sua história. Essas práticas de comunicação em sociedade se configuram em gêneros de texto específicos a situações determinadas. Para cada situação, objetivo, desejo, necessidade temos à nossa disposição um acervo de textos apropriados. Assim, o produtor de texto não apenas tem conhecimentos sobre as configurações dos diversos gêneros, mas também sabe quando cada um deles é adequado, em que momento e de que modo

deve utilizá-lo. Um relatório é próprio para prestar contas de uma pesquisa científica, de uma investigação, de uma tarefa profissional, mas não serve para contar uma viagem de férias para os amigos, por exemplo.

2. Reconsiderando crenças

Vimos que escrever não é um dom que apenas algumas pessoas têm. Todos podem vir a ser bons redatores. Entretanto, escrever não é um ato espontâneo. Exige muito empenho, é um trabalho duro. Nem sempre as “dicas” oferecidas pelos professores e colegas são suficientes para a elaboração de um texto fluente, claro, adequado. Os truques podem ajudar os redatores que já estão em meio ao processo de desenvolvimento da própria produção escrita, porque podem esclarecer alguns pontos duvidosos ou obscuros da escrita e da organização do texto, mas não funcionam isolados de muito exercício.

Compreendemos também que a leitura é imprescindível para que o redator chegue a apresentar um bom desempenho, pois ela oferece oportunidades de contato intenso com as infinitas possibilidades da língua, com os diversos gêneros e tipos de texto e com as informações e idéias que circulam no nosso universo.

A escrita é muito necessária no mundo moderno, uma vez que as práticas sociais que estruturam as nossas organizações contemporâneas são mediadas por textos escritos. Dependemos da escrita para existir efetivamente e atuar no mundo.

PARA QUEM GOSTA DE “DICAS”

3. Novas atitudes em relação à escrita

É IMPRESCINDÍVEL:

- ESCREVER TODOS OS DIAS: ANOTAÇÕES DE AULA, DIÁRIO, RESUMOS DE LEITURAS, TEXTOS COM SUAS OPINIÕES ACERCA DE ACONTECIMENTOS, CARTAS, BILHETES, PROJETOS...
- ACREDITAR QUE VOCÊ PODE ESCREVER BEM, ESTÁ MELHORANDO E QUE VAI CHEGAR LÁ IMPULSIONANDO O APERFEIÇOAMENTO.
- SER AUTOMOTIVADO, DEIXAR A PREGUIÇA DE LADO E SE ESFORÇAR.
- QUERER SABER MUITO MAIS, IR MAIS PROFUNDAMENTE ÀS QUESTÕES. NÃO SE PODE FICAR SATISFEITO COM “DICAS” ISOLADAS E FRAGMENTADAS.
- CONSIDERAR A ESCRITA COMO UMA HABILIDADE IMPORTANTE PARA O NOSSO SUCESSO PROFISSIONAL.
- RECONHECER QUE PELA ESCRITA PARTICIPAMOS MAIS DO MUNDO.
- LER MUITO, LER DIVERSOS TIPOS DE TEXTO, LER MELHOR A CADA DIA.

4. Prática de escrita

- a) Para desmontar de vez suas crenças inadequadas a respeito de sua relação com a escrita, empreenda uma viagem na memória. Lembre-se de quando aprendeu a escrever, sua escola, seus professores. Reveja todo o seu percurso escolar e profissional, focalizando principalmente as situações de escrita que ficaram gravadas em sua memória. Tente formular uma narrativa que explique ou justifique como foi construída a sua ex-

periência de escrita até hoje. Escreva um texto em primeira pessoa, coloquial, informal, em tom de depoimento (talvez no formato de carta), para um interlocutor imaginário que pode ser um amigo, um professor, um analista. Releia, colocando-se no lugar do leitor, para avaliar se as informações estão compreensíveis.

- b) Transforme essa narrativa em um texto em terceira pessoa, no qual você conta toda a história como se fosse a de uma outra pessoa.
- c) Mantenha um *caderno de anotações* datadas de impressões e reflexões sobre sua relação com o texto escrito; suas observações acerca do que escreve diariamente; suas experiências, expectativas, sucessos e fracassos escolares e profissionais; seus avanços e retrocessos; como vai transformando seus conceitos acerca da escrita. Esse diário pode oferecer muitas pistas para sua trajetória de crescimento, além de desbloquear a mente e desenferrujar a mão.